

EDUCAÇÃO LITERÁRIA



A abóboda

**Alexandre
Herculano**

AGRUPAMENTO



ESCOLAS de MAFRA



CAPÍTULO I – O cego

O dia 6 de Janeiro do ano da Redenção 1401 tinha amanhecido puro e sem nuvens: os campos, cobertos aqui de relva, acolá de searas, que cresciam a olhos vistos com o calor benéfico do sol, verdejavam ao longe, ricos de futuro para o pegureiro e para o lavrador. Era um destes formosíssimos dias de inverno, mais gratos que os do estio, porque são de esperança, e a esperança vale mais do que a realidade; destes dias, que Deus só concedeu aos países do ocidente, em que os raios do sol, que começa a subir na eclíptica, estirando-se vívidos e trémulos por cima da terra, enegrecida pela humidade, errando por entre os troncos pardos dos arvoredos, despidos pelas geadas, se assemelham a um bando de crianças no primeiro viço da vida a folgar e a rolar-se por cima da campa, sobre a qual há muito sussurrou o último ai da saudade, e que invadiram os musgos e abrolhos do esquecimento.

Era um destes dias antipáticos aos poetas ossiânico-regelonevoentos, que querem fazer-nos aceitar como coisa mui poética esses gelos do norte, esses brilhantes caramelos dos topos das montanhas, sem se lembrarem de que

Do sol do meio-dia aos raios vividos,
Parvos!—se lhes derretem: a brancura
Perdem co'a nitidez, e se convertem
De lúcidos cristais em agua chilre;

destes dias, enfim, em que a natureza sorri como a furto, rasgando o denso véu da estação das tempestades.

No adro do mosteiro de Santa Maria da Vitória, vulgarmente chamado da Batalha, fervia o povo entrando para a nova igreja, que de mui pouco tempo servia para as solenidades religiosas. Os frades dominicanos, a quem el-rei D. João I tinha doado esse magnífico mosteiro, cantavam a missa do dia debaixo daquelas altas abóbadas, onde repercutiam os sons do órgão, e os ecos das vozes do celebrante, que entoava os kyries.

Mas não era por ouvir a missa conventual que o povo se escoava pelo profundo portal do templo para dentro do recinto sonoro daquela maravilhosa fábrica: era por assistir ao auto da adoração dos reis, que com grande pompa se havia de celebrar nessa tarde dentro da igreja, e diante do rico presépio que os frades tinham levantado junto ao arco da capela do fundador então apenas começada. A concorrência era grande, porque os habitantes da Canoeira, d'Aljubarrota, de Porto-de-Mós e dos mais lugares vizinhos, desejosos de ver tão curioso espetáculo, tinham deixado desertas as povoações para vir povoar por algumas horas o ermo do mosteiro. Aprazível coisa era o ver, descendo dos outeiros para o vale por sendas torcidas, aquelas multidões, vestidas de cores alegres, e semelhantes no seu todo a serpentes imensas, que, transpondo as assomadas, se rolassem pelas encostas abaixo,

refletindo ao longe as cores variadas da pele luzidia e lúbrica. Atravessando a planície, em que avultava o mosteiro, passava o rio Lena, cuja corrente tinham tornado caudal as chuvas da primeira metade da estação invernososa.

No campo contíguo ao edifício, aqui e acolá, alevantavam-se casarias irregulares, algumas fechadas com suas portas, outras apenas cobertas de madeira, e abertas para todos os lados, a maneira de simples telheiros: as casas fechadas e reparadas contra as injúrias do tempo eram as moradas dos mestres e artifices que trabalhavam no edifício: debaixo dos telheiros viam-se, n'uns pedras só desbastadas, n'outros algumas onde se começavam a divisar labores, n'outros, enfim, pedaços de cantaria, em que os mais hábeis escultores e entalhadores já tinham estampado os primores dos seus delicados cinzéis. Mas o que punha espanto era a inumerável porção de pedras, lavradas, polidas, e prontas para serem colocadas em seus lugares, que jaziam espalhadas pelo grandíssimo terreiro, que ao redor do edifício se alargava para todos os lados: mainéis rendados, pecas dos fustes, capitéis góticos, lacarias de bandeiras, cordões de arcadas, aí estavam tombados sobre grossas zorras, ou ainda no chão endurecido pelo contínuo perpassar de trabalhadores, oficiais, e mais obreiros desta maravilhosa maquina. Quem de longe olhasse para aquele extenso campo, alastrado de tantos primores de escultura, julgara ver o assento de uma cidade antiquíssima, arrasada pela mão dos homens ou dos séculos, de que só restara em pé

um monumento, o mosteiro. E todavia, esses que pareciam restos de uma antiga Balbek não eram senão algumas pedras que faltavam para o acabamento d'um convento de frades dominicanos, o convento de Santa Maria da Vitória, vulgarmente chamado a Batalha!

Um quadrante de pedra, assentado em um canto do adro, apontava meio-dia. A igreja tinha sorvido dentro do seu seio desmesurado os habitantes das próximas povoações, e de todo o ruído e algazarra que poucas horas antes soava por aqueles contornos, apenas traspassavam pelas frestas e portas do templo os sons do órgão, soltando a espaços suas melodias, que sussurravam e morriam ao longe, suaves como um pensamento do céu.

Não estava, porém, inteiramente ermo o terreiro da frontaria do edifício. Assentado sobre um troco de fuste, com os pés ao sol, e o resto do corpo resguardado de seus raios ardentes pela sombra de um telheiro, a qual se começava a prolongar para o lado do oriente, via-se um velho, venerável de aspeto, que parecia embebido em profundas meditações: pendia-lhe sobre o peito uma comprida barba branca: tinha na cabeça uma touca foteada, um gibão escuro vestido, e sobre ele uma capa curta ao modo antigo. A luz dos olhos tinha-lha de todo apagado a velhice; mas as suas feições revelavam que dentro daqueles membros trémulos e enrugados morava um ânimo rico de alto imaginar: as faces do velho eram fundas, as maçãs do rosto elevadas, a fronte espaçosa e curva, e o perfil do

rosto quase perpendicular. Tinha a testa enrugada como quem vivera vida de contínuo pensar, e correndo com a mão os lavores de pedra, sobre que estava assentado, ora carregando o sobrolho, ora deslizando as rugas da fronte, repreendia ou aprovava com eloquência muda os primores ou as imperfeições do artífice, que copiara a ponta de cinzel aquela página do imenso livro de pedra, a que os espíritos vulgares chamam simplesmente o mosteiro da Batalha.

Enquanto o velho cismava sozinho, e palpava o canto subtilmente lavrado, sobre que repousava os membros entorpecidos, a portaria do mosteiro, que perto d'ali ficava, outras figuras e outra cena se viam. Dois frades estavam em pé no limiar da porta, e altercavam em voz alta: de vez em quando, pondo-se nos bicos dos pés, e estendendo os pescoços, parecia quererem descobrir no horizonte, que as cumeadas dos montes fechavam, algum objeto: depois de assim olharem um pedaço, encolhiam os pescoços, e voltando-se um para o outro, travavam de novo renhida disputa, que levava seus visos de não acabar.

"Ó homem!—dizia um dos dois frades, a quem a tez macilenta e as barbas e cabelos grisalhos davam certo ar de autoridade sobre o outro, que mostrava nas faces coradas e cheias, e na cor negra da barba povoada e revolta, mais vigor de mocidade.—Já disse a vossa reverência, que el-rei me escreveu de seu próprio punho que viria assistir ao auto da adoração dos reis, e de caminho veria a casa do capítulo, a

que ontem mestre Ouguet mandou tirar os simples que sustentavam a abóbada."

"E nego eu isso?—replicou o outro frade.—O que digo é que me parece impossível, que el-rei venha de feito, conforme a vossa paternidade prometeu em sua carta. Há muito que lá vai o meio-dia; daqui a pouco tocará a vésperas e às duas por três è noite. não vedes, padre mestre, a que horas virá a acabar o auto? E este povo, este devoto povo que aí está, que aí vem, há de ir com o escuro por esses descampados e serras com mulheres, com raparigas..."

"Ta, ta—interrompeu o prior.—Temos luar agora, e vão de consum. O caso não é esse, padre procurador, o caso é se está tudo aviado para agasalharmos el-rei e os de sua companha."

"Ó lá, quanto a isso, nada falta. Desde ontem que tenho tido tanto descanso como hoste ou cavalgada de castelhanos diante das lanças do Condestável: o pior é que, segundo me parece, e dizeis o que quiserdes, *opus et oleum perdidit*."

"Não falta quem tarda: el-rei não quebrará a palavra ao seu antigo confessor. O que quero é que todos os noviços e coristas, que têm de fazer suas representações no auto, estejam a ponto e vestidos, para ele começar logo que sua senhoria chegue."

"Nada receeis; que tudo está preparado: do que duvido é de que comecemos, se por el-rei houvermos de esperar."

O frade mais velho fez a estas palavras um sinal de impaciência, e sem dar resposta ao seu pírrónico interlocutor,

estendeu outra vez o gasnate para a banda da estrada, fazendo com a extremidade do hábito uma espécie de sobrecéu para resguardar os olhos dos raios do sol, que, já muito inclinado para o ocidente, batia de chapa no portal onde os dois reverendos estavam altercando.

Porém, meio descoroçoado, o dominicano logo abaixou os olhos: nem o mínimo vulto se enxergava no horizonte; e neste abaixar de olhos viu o cego, que estava ainda assentado sobre o fuste da coluna.

Para escapar talvez às reflexões do seu companheiro, o reverendo bradou ao velho:

"Ó lá, mestre Afonso Domingues, bem aproveitais o soalheiro! não vos quero eu mal por isso; que um bom sol de inverno vale, na idade grave, mais que todos os remédios de longa vida, que em seus alforges trazem por aí os físicos."

Dizendo e fazendo, o reverendo desceu os degraus do portal, e encaminhou-se para o cego.

"Quem é que me fala?—perguntou este, alçando a cabeça.

"Frei Lourenço Lampreia, vosso amigo e servidor, honrado mestre Afonso. Tao esquecida anda já minha voz em vossas orelhas, que me não conheceis pela toada?"

"Perdoai-me, mui devoto padre prior:—atalhou o velho, tentando com os pés o chão para erguer-se, no momento em que Frei Lourenço Lampreia chegava junto dele seguido do seu confrade Frei Joanne, procurador do mosteiro:—perdoai-

me! Foi-se o ver, vai-se o ouvir. Em distância, já não acerto a distinguir as falas."

"Estai quedo; estai quedo, mestre Afonso:—disse Frei Lourenço, segurando o cego pelo braço:—O indigno prior do mosteiro da Vitória não consentirá que o mui sabedor arquiteto e imaginador Afonso Domingues, o criador da oitava maravilha do mundo, o que traçou este edifício doado pelo virtuoso de grandes virtudes rei D. João à nossa ordem, se levante para estar em pé diante de pobre frade..."

"Mas esse religioso—interrompeu o cego—é o mais abalizado teólogo de Portugal, o amigo do mui excelente doutor João das Regras, e do grande Nun'Álvares, e privado e confessor d'el-rei: Afonso Domingues é apenas uma sombra de homem, um troço de capitel partido e abandonado no pó das encruzilhadas, um velho tonto de quem já ninguém faz caso. Se vossa caridade e humildosa condição vos movem a doer-vos de mim e a lembrar-vos de que fui vivo, não achareis n'isso muitos de vossa igualha."

"De merencório humor estais hoje:—disse o prior sorrindo.— Não só eu vos amo e venero: el-rei me fala sempre de vós em suas cartas. não sois cavaleiro de sua casa? E a avultada tença que vos concedeu em paga da obra que traçastes, e dirigistes, em quanto Deus vos concedeu vista, não prova que não foi ingrato?"

"Cavaleiro!?"—bradou o velho—"Com sangue comprei essa honra! Comigo trago a escritura."— Aqui mestre Afonso,

puxando com a mão tremula as atacas do gibão, abriu-o e mostrou duas largas cicatrizes no peito.—"Em Aljubarrota foi escrito o documento a ponta de lança por mão castelhana: a essa mão devo meu foro, que não ao Mestre d'Avis. já lá vão quinze anos! Então ainda estes olhos viam claro, e ainda para este braço a acha d'armas era brinco. El-rei não foi ingrato, dizeis vós, venerável prior, porque me concedeu uma tença!?"—Que a guarde em seu tesouro; porque ainda às portas dos mosteiros e dos castelos dos nobres se reparte pão por cegos e por aleijados."

Proferindo estas palavras, o velho não pode continuar: a voz tinha-lhe ficado presa na garganta, e dos olhos embaciados caíam-lhe pelas faces encovadas duas lágrimas como punhos. A Frei Lourenço também se arrasaram os olhos d'água, Frei Joanne, esse olhou fito para o cego durante algum tempo com o olhar vago de quem não o compreendia. Depois a ideia da tardança d'el-rei e da tardança do auto, que entrando pelas horas de cear e dormir iria fazer uma brecha horrorosa na disciplina monástica, veio despertá-lo como espinho pungente. Começou a bufar e a bater o pé, semelhante ao corredor brioso do livro de Job e da Eneida. Entretanto o arquiteto havia-se posto em pé: um pensamento profundamente doloroso parecia reverberar-lhe pela fronte nobre e perturbada, e houve um momento de silêncio. Por fim segurando com força a manga do hábito de Frei Lourenço, disse-lhe:

"Sois letrado, reverendo padre: deveis ter visto algum traslado da Divina Comédia do florentino Dante."

"Li já, e mais de uma vez:—respondeu o prior:—E obra prima daquelas a que os gregos chamavam *epos, id est, enarratio, et actio* segundo Aristóteles; e se não houvesse nessa escritura algumas ousadias contra o papa..."

"Pois sabej, reverendo padre,—proseguiu o arquiteto, atalhando o ímpeto erudito do prior,—que este mosteiro, que se ergue diante de nós, era a minha Divina Comédia, o cântico da minha alma: concebi-o eu; viveu comigo largos anos, em sonhos e em vigília: cada coluna, cada mainel, cada fresta, cada arco era uma página de canção imensa; mas canção que cumpria se escrevesse em mármore, porque só o mármore era digno dela: os milhares de labores que tracei em meu desenho eram milhares de versos; e porque ceguei arrancaram-me das mãos o livro, e nas páginas em branco mandaram escrever um estrangeiro! Loucos! Se os olhos corporais estavam mortos, não o estavam os do espírito. O estranho a quem deram meu cargo não me entendia, e ainda hoje estes dedos descobriram nessa pedra que o meu alento não a bafejara. Que direito tinha o Mestre d'Avis para sulcar com um golpe do seu montante a face de um arcanjo que eu criara? Que direito tinha para me espremer o coração debaixo dos seus sapatos de ferro? Dava-lho o ouro que tem despendido? O ouro! ...não! O Mestre d'Avis sabe que o ouro é vil; só nobre e puro o génio do homem. Enganaram-no: vassalos houve em

Portugal, que enganaram seu rei! Este edifício era meu; porque o gerei; porque o alimentei com a substância de minha alma; porque eu necessitava de me converter todo nestas pedras pouco a pouco, e de deixar, morrendo, o meu nome a sussurrar perpetuamente por essas colunas, e por baixo dessas arcarias. E roubaram-me o filho da minha imaginação, dando-me uma tença!... Com uma tença paga-se a glória e a imortalidade? Agradeço-vos, senhor rei, a mercê!... sois em verdade generoso... mas o nome de mestre Ouguet enredar-se-á no meu, ou talvez sumirá este no brilho de sua fama mentida..."

O cego tremia de todos os membros: a veemência com que falara lhe exaurira as forças: os joelhos vergaram-lhe, e assentou-se outra vez em cima do fuste. Os dois frades estavam em pé diante dele.

"Estais mui perturbado pela paixão, mestre Afonso — disse Frei Lourenço depois de uma larga pausa — por isso menoscabais mestre Ouguet, que era talvez o único homem que aí havia capaz de vos substituir. Quanto a vós, pensaram os do conselho d'el-rei que deviam propor-lhe vos desse repouso e honrado sustentamento para os cansados dias. Ninguém teve em mente ofender o mais sabedor e experto arquiteto de Portugal, cuja memória será eterna, e nunca ofuscada."

"Obrigado—atalhou o velho—aos conselheiros d'el-rei pelos bons desejos que em meu prol têm. São políticos, almas de

lodo, que não compreendem senão proveitos materiais. Dão-me o repouso do corpo, e assassina-me o da alma! Acerca de mestre Oguet, não serei eu quem negue suas boas manhas e ciência de edificar: mas que ponha ele por obra suas traças, e deixem-me a mim dar vulto às minhas. E demais: para entender o pensamento do mosteiro de Santa Maria da Vitória cumpre ser português; cumpre ter vivido com a revolução, que pôs no trono o Mestre d'Avis; ter tumultuado com o povo defronte dos paços da adúltera; ter pelejado nos muros de Lisboa; ter vencido em Aljubarrota. não é este edifício uma obra de reis, ainda que por um rei me fosse encomendado seu desenho e edificação, mas nacional, mas popular, mas da gente portuguesa, que disse: não seremos servos do estrangeiro, e que provou seu dito. Mestre Oguet, escolar na sociedade dos irmãos obreiros, trabalhou nas sés de Inglaterra, de França, e de Alemanha: aí subiu ao grau de mestre, mas a sua alma não é aquecida à luz do amor de pátria; nem, que o fosse, e para ele pátria esta terra portuguesa. Por engenho e mãos de portugueses devia ser concebido e executado até seu final remate o monumento da glória dos nossos; e eis-aí que ele chamou de longes terras oficiais estranhos, e os naturais lá foram mandados adornar de primorosos labores a igreja de Guimarães. Sei que não seriam nem eles nem eu quem pusesse esse remate; mas nos deixaríamos sucessores, que conservassem puras as tradições da arte. Perder-se-á tudo; e, porventura, tempo vira em que,

nesta obra dos séculos, não haja mãos vigorosas que prossigam os labores que mãos cansadas não puderam levar a cabo. Então o livro de pedra, o meu cântico de Vitória, ficará truncado. Mas Afonso Domingues tem uma pensão d'el-rei!.." Em uma das casas que ficavam mais próximas, e de que fizemos menção no princípio deste capítulo, ergueu-se a adufa de uma janela no momento em que o cego terminava estas palavras, e uma velha, em cuja cabeça alvejava uma toalha mui branca, gritou da janela:

"Mestre Afonso, quereis recolher-vos? Está pronta a ceia, e começa a cair a orvalhada, que a tarde vai nevoenta."

"Vamos lá, vamos lá, Ana Margarida; vinde guiar-me."

E Ana Margarida, ama de mestre Afonso Domingues, saiu da porta com a roca ainda na cinta, e o fuso espetado entre o linho e o ourelo que o apertava. Chegando ao pé do velho, tocou-lhe com o braço, em que ele se firmou, tornando a erguer-se.

"Boas tardes, padre prior:—disse a ama, fazendo sua mesura, seguida de um lambe de dedos, e de dois puxões nas barbas da estriga quase fiada.

"Vá na graça do Senhor, filha:—respondeu Frei Lourenço, e acrescentou dirigindo-se ao cego:

"Meu irmão, Deus aceita só ao homem, em desconto da grande dívida, a dor calada e sofrida. Resignai-vos na sua divina vontade."

"Na dele estou eu resignado há muito: na dos homens é que nunca me resignarei."

E Ana Margarida, que tinha a ceia ainda ao lume, foi puxando o cego para a porta de casa.

"Ai, Afonso Domingues, Afonso Domingues! vai-se-te após a vista o siso. Aborrida coisa é a velhice. não vos parece, Frei Joanne?"

Isto dizia o prior, voltando-se para o outro frade, que supunha estaria atrás dele; mas Frei Joanne tinha desaparecido d'ali manso e manso. Alongando os olhos ao redor de si, Frei Lourenço viu-o em pé sobre uma pedra a alguma distância.

O prior ia a perguntar-lhe o que fazia ali, quando o reverendo procurador saltou a correr, bradando:

"Ganhastes, padre prior; ganhastes!... Eis el-rei que chega."

E, com efeito, Frei Lourenço, volvendo os olhos para o cimo de um outeiro, viu uma lustrosa companhia de cavaleiros, que com grande açodamento descia para o vale do mosteiro.

CAPÍTULO II – Mestre Ouguet

Uma das inumeráveis questões, que, em nosso entender, eternamente ficarão por decidir, é a que versa sobre qual dos dois ditados—voz do povo e voz de Deus—ou—voz do povo e voz do diabo—seja o que exprima a verdade. E indubitável que o povo tem uma espécie de presciência inata, d'instinto divinatório. Quantas vezes, sem que se saiba como ou porquê,

corre voz entre o povo, que tal navio saído do porto, tão rico de mercadorias como de esperanças, se perdeu em tal dia e a tal hora em praias estranhas. Passa o tempo, e a voz popular realiza-se com exaçaõ espantosa. Assim de batalhas; assim de mil fatos. Quem dá estas notícias? Quem as trouxe? Como se derramaram? Mistério é esse, que ainda ninguém soube explicar. Foi um anjo? Foi um demónio? Foi algum feiticeiro? Mistério. Não há, nem haverá, talvez, nunca, filósofo que o explique; salvo se tal fenómeno é uma das maravilhas do magnetismo animal. Esse meio ininteligível de dar solução a tudo o que se não entende, é acaso a única via de resolver a dúvida. Se o é, aí damos mais um osso a roer aos físicos do magnetismo.

Foi o caso: quando a cavalgada, de que fizemos menção no fim do antecedente capítulo, vinha descendo a encosta sobranceira a planície do mosteiro, entre o povo que estava dentro da igreja, impaciente já pela demora do auto, começou-se a espalhar um sussurro, que cada vez crescia mais: o motivo dele não era fácil sabê-lo: nenhuma novidade ocorrera; ninguém tinha entrado ou saído. De repente toda aquela multidão se agitou, remoinhou pela igreja, e principiou a borbulhar pelo portal fora, como por bico de funil o líquido deitado de alto. Tinham sabido que el-rei chegava, e todos queriam vê-lo descavalgar, porque D. João I, plebeu por herança materna, nobre por ser filho do D. Pedro I, rei eleito por uma revolução, e confirmado por cinquenta vitórias, era o

mais popular, o mais amado, é o mais acatado de todos os reis da Europa. Vinha montado em uma possante mula, e assim mesmo em outras os fidalgos e cavaleiros de sua casa. Trazia vestida sobre a cota uma jorneia de veludo carmesim, monteira preta, e nebrí em punho, em maneira de caçada. Chegando à porta do mosteiro, onde o esperava já Frei Lourenço com parte da comunidade, apeou-se de um salto, e com rosto risonho e a mão no barrete, agradeceu sua cortesia e amor aos populares, que gritavam apinhados à roda dele: — "viva D. João I de Portugal: morram os castelhanos!"—grito absurdo, mas semelhante aos vivas de todos os tempos; porque o povo, bem como o tigre, mistura sempre com o rugido de amor o bramido que revela a sua índole sanguinária. Por baixo daquelas soberbas arcadas desapareceu brevemente el-rei da vista da multidão, que tornou a sumir-se no templo para ver o auto, que não podia tardar.

"Mui receoso estava que vossa real senhoria nos não honrasse nosso auto; porque o sol não tarda a sumir-se no poente:—dizia Frei Lourenço a el-rei, a cujo lado ia para o guiar ao seu aposento.

"Bofe, mui devoto padre prior, que por pouco estive a ponto de ter que levar a vossos pés mais uma mentira com os outros pecados, que me não falecem, se amanhã me quisesse confessar ao meu antigo confessor:—tornou-lhe el-rei sorrindo-se.

"E certo estou de que entre todos os pecados de que teríeis de vos acusar, este não fora o menos grave, e de que eu muito a custo absolveria vossa mercê:—retrucou o prior, que tinha aprendido ainda mais depressa as manhas cortesãs no paço, do que a teologia no noviciado da sua ordem.

"Mas para onde me guiais, reverendíssimo prior:—disse el-rei, parando antes de subir uma escada, para a qual Frei Lourenço o encaminhava.

"Ao vosso aposento, real senhor; por que tomeis alguma refeição, e repouseis um pouco do trabalho do caminho."

"Não foi grande o feito, para tomar repouso:—acudiu el-rei:—que de Santarém aqui e uma corrida de cavalo; muito mais para quem, em vez de cota de malha, arnês e braçais, traz vestidos de seda. Despi-los-ei bem depressa, já que el-rei de Castela quer jogar mais lançadas, e não vieram a conclusão de tréguas o Mestre de Santiago com o Condestável. Mas vamos, meu doutíssimo padre; mostrai-me a casa do capítulo, a que mestre Ouguet acabou de pôr seu fecho e remate. Onde está ele? Quero agradecer-lhe a boa diligência."

"Beijo-vos as mãos pela mercê:—disse mestre Ouguet, que, sabendo da chegada d'el-rei, e certo de que ele desejaria ver aquela grande obra, tinha corrido ao mosteiro, e estava entre os da comitiva:

—"Se quereis ver a casa do capítulo, vamos para a banda da crasta."—Dizendo isto, sem cerimónia

tomou a dianteira, e encaminhou-se ao longo de um dos cobertos do claustro. David Ouguet era um irlandês, homem mediano em quase tudo; em idade, em estatura, em capacidade e em gordura, salvo na barriga, cujos tegumentos tinham sofrido grande distensão, em consequência da dura vida que a tirania do filho d'Erin lhe fazia padecer havia bem vinte anos.

Desde muito moço que começara a produzir grande impressão no seu espírito a invetiva do apóstolo contra os escravos do próprio ventre; e para evitar essa condenável fraqueza resolvera trazê-lo sempre sopeado. não lhe dava tréguas; se em Inglaterra o fizera muitos anos vergar sob o peso de dez atmosferas de cerveja, em Portugal submetia-o ao mais fadigoso mister de canjirão permanente. Mortificava-o assim, para que não lhe acudissem soberbas e veleidades de senhorio e dominação. De resto David Ouguet era bom homem, excelente homem: não fazia aos seus semelhantes senão o mal absolutamente indispensável ao próprio interesse: nunca matara ninguém, e pagava com pontualidade exemplar ao alfaiate e ao merceeiro. Prudente, positivo, e prático do mundo, não o havia mais: seria capaz de se empoleirar sobre o cadáver de seu pai para tocar a meta de qualquer desígnio ambicioso: com três lições de frases ocas dava pano para se engenharem dele dois grandes homens de estado. Tendo vindo a Portugal como um dos cavaleiros do duque de Lancastre, procurou obter e alcançou a proteção da

rainha D. Filipa, que, havendo Afonso Domingues cegado, o fez nomear mestre das obras do mosteiro da Batalha, mostrando ele por documentos autênticos ter na sua mocidade subido ao grau de mestre na sociedade secreta dos obreiros edificadores.

Esta é em breve resumo a história de David Ouguet, tirada de uma velha crónica, que, em tempos antigos, esteve em Alcobaça encadernada em um volume juntamente com os traslados autênticos das Cortes de Lamego, do Juramento de Afonso Henriques sobre a aparição de Cristo, da Carta de feudo a Claraval, das Histórias de Laimundo e Beroso, e de mais alguns papéis de igual veracidade e importância, que por pirraça às nossas glórias provavelmente os castelhanos nos levaram.

O lanço da crasta, fronteiro ao coberto por onde ia el-rei, estava ainda por acabar. Apenas D. João I entrou naquele magnifico recinto, olhou para lá, e voltando-se para mestre Ouguet, disse:

"Parece-me que não vão tao aprimorados os labores daquelas arcarias como os destas. Que me dizeis, mestre Ouguet?"

"Seguiu-se à risca nesta parte—tornou o arquiteto—o desenho geral do edifício, feito por mestre Afonso Domingues; porque seria grave erro destruir a harmonia desta peça: mas se vossa merce mo permite, antes de entrardes no capítulo tenho alguma coisa que vos dizer acerca do que ides presenciar."

"Falai desassombradamente:—respondeu el-rei—que eu vos escuto."

"Tomei a ousadia—prosseguiu mestre Ouguet—de seguir outro desenho no fechar da imensa abóbada que cobre o capítulo: o que achei na planta geral contrastava as regras da arte, que aprendi com os melhores mestres de pedraria. Era até impossível que se fizesse uma abóbada tão achatada, como na primitiva traça se delineou: eu, pelo menos, assim o julgo."

"E consultastes o arquiteto Afonso Domingues, antes de fazer essa mudança no que ele havia traçado?—interrompeu el-rei.

"Por escusado o tive:—replicou David Ouguet.—Cego, e por isso inabilitado para levar a cabo a edificação, teimaria que o seu desenho se pode executar, visto que hoje ninguém o obriga a prová-lo por obras. Sobre-lhe orgulho: orgulho de imaginador engenhoso. Mas que vale isso sem a ciência, como dizia o venerável mestre Vilhelmo de Wykeham? Menos engenho e mais estudo, eis do que havemos mister."

"Dizendo isto o arquiteto, metera ambas as mãos no cinto, estendera a perna direita excessivamente empertigada, e com a fronte ereta volveu os olhos solene e lentamente para os circunstantes.

"Mestre Ouguet—acudiu el-rei com aspeto severo—lembrai-vos de que Afonso Domingues é o maior arquiteto português. Não entendo de vossas distinções de ciência e de engenho: sei só que o desenho de Santa Maria da Vitória causa assombro a

vossos próprios naturais, que se gabam de ter no seu país os mais afamados edifícios do mundo: e esse mestre Afonso, de quem vos falais com pouco respeito, foi o primeiro arquiteto da obra que a vosso cargo está hoje."

"Vossa merce me perdoe:—tornou mestre Ouguet, adocicando o tom orgulhoso com que falara.—Longe de mim menoscabar mestre Domingues: ninguém o venera mais do que eu; mas queria dar a razão do que fiz, seguindo as regras do mui excelente mestre Vilhelmo de Wykeham, a quem devo o pouco que sei, e cuja obra da catedral de Winchestria tamanho ruído tem feito no mundo."

Com este diálogo chegou aquela comitiva ao portal, que dava para a casa do capítulo: Frei Lourenço Lampreia, como dono da casa, correu o ferrolho com certo ar de autoridade, e encostado ao umbral cortejou a el-rei no momento de entrar, e aos mais fidalgos e cavaleiros que o acompanhavam. Mestre Ouguet, como pessoa também principalíssima naquele lugar, colocou-se junto do umbral fronteiro, repetindo, com aspeto sobranceiro-risonho, as medidas do mui devoto padre prior.

Quando el-rei entrou dentro daquela espantosa casa, apenas através da grande janela que a alumia entrava uma luz frouxa, porque o sol estava no fim de sua carreira, e o teto profundo mal se divisava

sem se afirmar muito a vista. Mestre Ouguet ficara a porta, mas Frei Lourenço tinha entrado.

"Reverendo prior—disse el-rei voltando-se para Frei Lourenço—vim tarde para gozar desta maravilhosa vista: vamos ao auto da adoração, e amanhã voltaremos aqui a horas de sol."

E seguiu para a banda da sacristia, cuja porta lhe foi abrir o prior.

Mestre Ouguet entrou na casa do capítulo, quando já os últimos cavaleiros do séquito real iam saindo pelo lado oposto, caminho da igreja. Com as mãos metidas no cinto de couro preto que trazia, e a passo mesurado, o arquiteto caminhou até ao meio daquela desconforme quadra. O som dos passos dos cavaleiros tinha-se desvanecido; e mestre Ouguet dizia consigo, olhando para a porta por onde eles haviam passado:

"Pobres ignorantes! que seria o vosso Portugal sem estrangeiros, senão um país sáfaro e inculto? Sois vós, homens brigosos, capazes dos primores das artes, ou sequer de entendê-los?.. Lá vão, lá vão os frades celebrar um auto! não serei eu que assista a ele; eu que vi os mistérios de Coventria e de Widkirk! Miseráveis selvagens, antes de tentardes representar mistérios fora melhor que mandásseis vir alguns irmãos da sociedade dos escritães de paróquia de Londres [1], que vos ensinassem os verdadeiros momos, ademanes e trejeitos usados em semelhantes autos."

Mestre Ouguet estava embebido neste mudo solilóquio, em louvor da nação que lhe dava de comer, e o que deveria pesar-

lhe ainda mais na consciência, da nação que lhe dava de beber, quando erguendo casualmente os olhos para a maciça abóbada, que sobre ele se arqueava, fez um gesto de indizível horror, e como doido correu a bom correr pela crasta solitária, apertando a cabeça entre as mãos, e gritando a espaços: "Oh, mal-aventurado de mim!"

CAPÍTULO III – O Auto

Junto a uma das colunas da igreja de Santa Maria da Vitória estava levantado um estrado, sobre o qual se via uma grande e maciça cadeira de espaldar, feita de castanho, e lavrada de curiosos bestiais e labores: era este o lugar onde el-rei devia assistir ao auto da adoração dos reis. No mesmo estrado havia vários assentos rasos para neles se sentarem os fidalgos e cavaleiros que o acompanhavam. Defronte do estrado e colocado ao pé do arco da capela do fundador corria para um e outro lado da parede um devoto presépio[1], mui erguido do chão, e representando serranias agrestes, ao sope das quais estava armada uma espécie de choca, onde sobre a tradicional manjedoura se via reclinado o menino Jesus, e de joelhos junto dele a Virgem e S. José, acompanhados de vários anjos, em ato de adoração. Diante da cabana corria, no mesmo nível, um largo e grosseiro cadafalso de muitas tábuas, para o qual, por um dos lados, davam serventia duas grossas e compridas

pranchas de pinho, por onde deviam subir as personagens do auto.

Tanto que el-rei saiu da porta do cruzeiro que dá para a sacristia, encaminhou-se pela igreja abaixo, e veio sentar-se na cadeira de espaldar, conduzido por Frei Lourenço, que com todos os modos de homem cortesão ofereceu os assentos rasos aos demais cavaleiros e fidalgos.

Pela mesma porta da sacristia saíram logo as primeiras figuras do auto, que, descendo ao longo da nave, subiram ao cadafalso pelas pranchas de que fizemos menção.

Estas primeiras figuras eram seis, formando uma espécie de prólogo ao auto. Três que vinham adiante representavam a Fé, a Esperança, e a Caridade: após elas vinham a Idolatria, o Diabo, e a Soberba; todas com suas insígnias mui expressivas e a ponto; mas o que enlevava os olhos da grande multidão dos espetadores era o Diabo, vestido de peles de cabra, e com um rabo que lhe arrastava pelo tablado, e seu forçado na mão, muito vistoso e bem-posto. Feitas as vénias a el-rei, a Idolatria começou seu arrazoado contra a Fé, queixando-se de que ela a pretendia esbulhar da antiga posse em que estava de receber cultos de todo o género-humano, ao que a Fé acudia com dizer que *ab initio* estava apontado o dia em que o império dos ídolos devia acabar, e que ela Fé não era culpada de ter chegado tão asinha esse dia. Então o Diabo vinha lamentando-se de que a Esperança começasse de entrar nos

corações dos homens; que ele Diabo tinha jus antiquíssimo de desesperar toda a gente; que se dava ao demo por ver as perrarias que a Esperança lhe fazia; e com isto careteava com tais momos e trejeitos, que o povo ria a rebentar, o mais devotamente que era possível. Ainda que o Diabo fizesse de truão da festa, nem por isso a sua contendora, a Esperança, dava descargo de si com menos compostura do que a tão honrada virtude cumpria, dizendo que ela obedecia ao senhor de todas as coisas, e que este vendo e considerando os grandes desvarios que pelo mundo iam, e como os homens se arremessavam desacordadamente no inferno, a mandara para lhes apontar o direito caminho do céu; e por aqui seguia com razões muito devotas e discretas, que moveriam a devotíssimas lágrimas os ouvintes, se a devoto riso os não movesse o Diabo com seus trejeitos e visagens, como, com bastante agudeza, reflete o autor da antiga crónica, de que fielmente vamos transcrevendo esta verídica histórica. A Soberba, que estava impando, ouvidas as razões da Esperança, travou dela mui rijo, e com voz torvada e rosto aceso, começou de bradar, que esta dona era sandia, porque entendera enganar os homens com vaidades de incertos futuros, e sustentá-los com fumo; que pretendia contra toda a ordem de boa razão, que a gente vil houvesse igual quinhão no céu com os senhores e cavaleiros, o que era descomunal ousadia, e fora da geral opinião e direito, indo por aqui discursando com remoques mui orgulhosos, como a Soberba

que era. não sofreu, porém, o ânimo da Caridade tão descomposto razer da sua figadal inimiga, e lho atalhou com tomar a mão naquele ponto, e notar que os filhos de Adão eram todos uns aos olhos do Todo-Poderoso; que a Soberba inventara as vãs distinções entre os homens, e que à vida eternal mais amorosamente eram os pequenos e humildosos chamados, do que os potentes, o que provou claramente a sua contraria com bastos textos das Santas escrituras, de que a Soberba ficou mui corrida, por não ter contra tão grande autoridade resposta cabal. E acabado o dizer da Caridade, um anjo subiu ao cadafalso, para dar sua sentença, que foi mandar recolher ao abismo a Idolatria, o Diabo e a Soberba, e anunciar às três virtudes que as ia elevar ao céu, onde reinariam em glória perdurável. Então o Diabo, fazendo horribilísimos biocos, pegou pelas mãos as duas companheiras, e fugiu pela igreja fora com grandes apupos e doestos dos espectadores. Guiando as três virtudes, o anjo (por uma daquelas liberdades cénicas que ainda hoje se admitem, quando, nas vistas de marinha, o ator, que vem embarcado, desce dois ou três degraus das ondas de papelão para a terra de soalho) em vez de subir ao céu, como anunciara, desceu pelas pranchas, que davam para o pavimento da igreja, e caminhando ao longo da nave se recolheu à sacristia, acompanhado da Fé, Esperança e Caridade, tão vitorizadas pelos espetadores, como apupado fora o Diabo e as suas infernais companheiras.

Ainda bem não eram recolhidas estas figuras, quando, pela mesma porta do cruzeiro, saíram os três reis magos, ricamente vestidos ao antigo, com roupas talaes de fina tela, mantos reais, e coroas na

cabeça. Adiante vinha Baltasar, homem já velho, mas bem disposto de sua pessoa, com aspeto grave e autorizado, e com umas barbas, posto que brancas, bem povoadas: logo após ele vinha o rei Belchior, e a este seguia-se Gaspar: traziam todos suas bocetas, em que eram guardados os preciosos dons, que ao recém-nascido vinham de longes terras ofertar. Subindo ao cadafalso, disseram como uma estrela os guiara até Jerusalém, e como desta cidade, depois de mui trabalhado e duvidoso caminho, tinham acertado em vir a Belém, e com grande folgança encontravam aí o presépio, para fazer seu ofertório, o que em verdade era coisa mui piedosa d'ouvir. O rei Baltasar, como mais velho e sisudo, foi o primeiro que ajoelhou junto do presépio, e com voz mui entoada, e depondo ante o menino seus presentes, disse:

Santo filho de David,

Divinal Salvador da triste raça Humanal,

Que descestes lá do assento Celestial;

Voz da glória imperador Eternal,

Aceitai este ofertório não real,

Pobre si.

É quanto posso: não hei al.

O que fora compridoiro

De auto tal
Bem o sei.
Andei mas vias,
Por meu mal;
Que dez dias prantei tendas
De arraial
Nas soidões fundas d'Arabia,
Mui fatal.
Meus camelos há tisonado Sol mortal;
E um, de vento do deserto,
Vendaval.
O presente, que aí vedes,
Pouco vale;
É somente algum incenso Oriental;
Que o tesouro que eu trazia,
Mui cabal,
Soterrou-mo a tempestade
No areal.
E com isto o venerável rei Baltasar, depois de fazer sua oração
em voz baixa, ergueu-se; e o rei Belchior, ajoelhando e
depondo a urna que trazia nas mãos ante o presépio, disse:
Vindo sou lá do Cataio
A adorar-vos alto infante,
Redentor: não me pôs na alma desmaio
Ser de terra tão distante
Rei, senhor!

E bem torva a minha lace:
 Minhas mãos tingidas são
 De negrura;
 Mas na terra onde o sol nasce
 Mais se cobre o coração
 De tristura;
 Porque o torpe Mafamede
 Sua crença mui sandia
 Mandou lá;
 E não há quem dela arrede
 Essa gente, que aperfia
 Em ser má.
 Real tronco de Jesse
 Mui fermoso, se eu pudera
 Vos levara;
 E convosco a vossa fé
 Os incréus eu convertera,
 E os salvara.
 Ora quero ver se peito São Jose,
 que é vosso padre
 Um sussurro, que começara no momento em que o rei preto
 ajoelhou, e que mal deixara ouvir a precedente loa (obra mui
 prima de certo leigo, afamado jogral daquele tempo) cresceu
 neste momento a tal ponto, que o corista, que fazia o papel de
 Belchior, não pode, continuar, com grande dissabor do poeta,
 que via murchar a coroa de louros, que neste auto esperava

obter. O povo agitava-se, e do meio dele saíam gritos descompostos, que aumentavam o tumulto. El-rei tinha-se erguido, e juntamente os demais cavaleiros e fidalgos: todos indagavam a origem do motim; mas não havia acertar com ela. Enfim, um homem rompendo por entre a multidão, sem touca na cabeça, cabelos desgrenhados, boca torcida e coberto de espuma, olhos esgazeados, saltou para dentro da teia, que fazia um claro em roda do tablado. Apenas se viu dentro daquele recinto, ficou imóvel, com os braços estendidos para o teto, as palmas das mãos voltadas para cima, e a cabeça encolhida entre os ombros, como quem cheio de horror via sobre si desabar aquelas altíssimas e maciças arcarias.

"Mestre Ouguet!—exclamou el-rei espantado.

"Mestre Ouguet!—gritou Frei Lourenço, com todos os sinais de assombro.

"Mestre Ouguet!—repetiram os cavaleiros e fidalgos, para também dizerem alguma coisa.

"Quem fala aqui no meu nome?—rosnou David Ouguet, com uma voz comprimida e sepulcral.—Malvados! Querem assassinar-me?! Querem arrojarem sobre mim esse montão de pedras, como se eu fora um cão judeu, que merecesse ser apedrejado?! Oh meu Deus, salvei a minha alma!"—E depois de um breve silêncio, em que pareceu tomar fôlego:— "Não vos chegueis aí!—bradou ele.—Não vedes essas fendas profundas como o caminho do inferno? São escuras: mas

através delas lá enxergo eu o luar! Vós não, porque vossos olhos estão cegos ... porque o vosso bom nome não se escoia por lá!... Cegos? não vós!... mas ele!... Ele é que se ri e folga em sua orgulhosa soberba! Vede como escancara aquela boca hedionda; como revolve, debaixo das pálpebras cobertas de vermelhidão, aqueles olhos embaciados!... Maldito velho, fuge diante de mim!... Maldito, maldito!... Curvada já no centro ... sentia-a escaliçar e ranger... Estavas tu assentado em cima dela? Feiticeiro!... Anda, que eu bem ouço as tuas gargalhadas!... não há um raio que te confunda?.. não!"

Dizendo isto, mestre Ouguet cobriu a cara com as mãos, e ficou outra vez imóvel.

El-rei, os cavaleiros, os padres mais dignos, que estavam de roda do estrado real, os reis magos, os populares, todos olhavam pasmados para o arquiteto que assim interrompera a solenidade do auto.

Um silêncio profundo sucedera ao ruído, que a aparição daquele homem desvairado excitara. Milhares de olhos estavam fitos nesse vulto, que semelhava uma larva de condenado saída das profundezas para turbar a festa religiosa. Por mais de um cérebro passou este pensamento: em mais de uma cabeça os cabelos se eriçaram de horror; mas dos que conheciam mestre Ouguet nenhum duvidou de que fosse ele em corpo e alma. Que proveito tiraria o demónio de tomar a figura do arquiteto para fazer uma das suas irreverentes diabruras? Só uma suposição havia, que não era inteiramente

desarrazoada; David Ouguet podia estar possesso, em consequência de algum grave pecado; pecado que talvez tivesse escondido na última confissão, que fizera na véspera de Natal.

Isto era possível, e até natural; que não vivia ele a mais justificada vida. Supor que endoudecera parecia grande despropósito; porque nenhum motivo havia para tal lhe acontecer, quando merecera os gabos d'el-rei e de todos, por ter levado a cabo a grandiosa obra que lhe estava encomendada. Estes e outros raciocínios, hoje ridículos, mas segundo as ideias daquela época bem fundados e correntes, fazia o reverendo padre procurador Frei Joanne, que tinha vindo assistir ao auto, e estava em pé atrás do estrado, e perto de Frei Lourenço Lampreia. Revolvendo tais pensamentos, no meio daquele silêncio ansioso em que todos estavam, não pode ter-se que, pé ante pé, se não chegasse ao prior, e lh'os comunicasse em voz baixa, e ao ouvido.

"Não vou fora disso:"—respondeu o prior, que, enquanto o outro frade lhe falara, estivera dando a cabeça em sinal de aprovação.—"O olhar espantado, o escumar, o estorcer os membros, o falar não sei de que feiticeiro; tudo me induz o crer que o demónio se chantou naquele miserável corpo, como vos aventais. Se assim é, pouco juízo mostrou desta vez o diabo em vir com seus esgares e tropelias atalhar o mui devoto auto da adoração. Examinemos se assim é, eu vo-lo darei bem castigado."

Dizendo isto, Frei Lourenço chegou-se a el-rei, e disse-lhe o que quer que foi. Ele escutou-o atentamente, e tanto que o prior acabou, sentou-se outra vez na sua cadeira de espaldar, e fez sinal com a mão aos fidalgos e cavaleiros para que também se sentassem.

Frei Lourenço, acompanhado de mais alguns frades, subiu pela igreja acima, e entrou na sacristia: todos ficaram esperando, silenciosos e imóveis como mestre Oguet, o desfecho desta cena, que se encaixava no meio das cenas do auto.

Tinham passado obra de três credos, quando, saindo outra vez da porta da sacristia, Frei Lourenço voltou pela igreja abaixo, revestido com as vestes sacerdotais, chegou à teia, abriu-a, e encaminhou-se para mestre Oguet. Depois, olhando de roda, e fazendo um aceno de autoridade, disse:

"Ajoelhai, cristãos, e orai ao Padre Eterno por este nosso irmão, tomado do espírito imundo."

A estas palavras, rei, cavaleiros, frades, povo, tudo se pôs de joelhos. E ouvia-se ao longo das naves o sussurro das orações. Só mestre Oguet ficou sem se bulir com o rosto metido entre as mãos.

O prior lançou a estola à roda do pescoço do possesso, e queria atar os três nós do ritual; mas o paciente deu um estremeção, e tirando as mãos da cara, fez um gesto de horror, e gritou:

"Frade abominável, também tu és conluiado com o cego?"

"Não há duvida!—disse por entre os dentes o prior:—mestre Ouguet está endemoninhado."

Tirando então da manga um pergaminho, em que estavam escritas várias coisas de doutrina, o pôs sobre a cabeça do mestre, fazendo sobre ele três vezes o sinal da cruz.

David Ouguet soltou então uma destas risadas nervosas, que horrorizam, e que tão frequentes são quando o padecimento moral sobrepuja as forças da natureza.

"Cão tihoso—bradou Frei Lourenço—espírito das trevas, enganador, maldito, luxurioso, insipiente, ébrio, serpe, víbora, vil e refece demónio, Enfim, castelhano[2]. Em nome do criador e senhor de todas as coisas, te mando que repitas o credo, ou saias deste miserável corpo."

Mestre Ouguet ficou imóvel e calado.

"Não cedez?!"—proseguiu o prior—"Recorrerei ao sétimo, ao mais terrível exorcismo. Veremos se poderás a teu salvo escarnecer das criaturas feitas à imagem e semelhança de Deus."

Depois de várias cerimónias e orações, Frei Lourenço chegou-se ao pobre irlandês, e começou a repetir o conjuro, fazendo-lhe uma cruz sobre a testa a cada uma das seguintes palavras, que proferia lentamente:

"Hel—Heloym—Helo—Sabaoth—Helyon—Esereheye—
Adonay—lehova— Ya—Thetagrammaton—Saday—Messias—
Hagios—Ischiros—Otheos— Athanatos—Sother—Emanuel—
Agla—

"Jesus!"—bradou a uma voz toda a gente que estava na igreja. "Diabo!"—gritou mestre Ouguet; e caiu no chão como morto. E houve um momento de angústia e terror, em que todos os corações deixaram de bater, e em que todos os olhos, braços e pernas ficaram fixos como se fossem de bronze.

Um ruído semelhante ao de cem bombardas, que se houvessem disparado dentro do mosteiro, e que soara da banda da sacristia, tinha arrancado aquele grito de mil bocas, e tinha convertido em estátuas essa multidão de povo.

Há situações tão violentas, que se durassem, a morte se lhes seguiria em breve; mas a providente natureza parece restaurar com dobrada energia o vigor físico e espiritual do homem depois destes abalos espantosos; e então, melhor que nunca, ele sente em si que, posto que despenhado, não perdeu a sublimidade da sua origem divina. A reação segue a ação; e quanto mais tímido o individuo se mostrou, mais viva e a consciência da própria força, que depois disso renasce com o destemor e ousadia.

Foi o que sucedeu a D. João I, aos cavaleiros do seu séquito, e ao povo que estava na igreja de Santa Maria, passado aquele instante de sobrenatural pavor. A terribilidade da cerimónia que Frei Lourenço praticava; o ruído inesperado que rompera o exorcismo; o grito blasfemo do arquiteto, no momento de cair por terra; o lugar; a hora, eram coisas que, reunidas, fariam pedir confissão a uma grande manada de filósofos enciclopedistas, e que por isso, não é de admirar fizessem

uma impressão vivíssima em homens de um século, não só crente, mas também supersticioso. Todavia o ânimo indomável do Mestre d'Avis brevemente fez cobrar alento a todos os que aí estavam.

"É, em verdade, descomunal maravilha o que temos visto e ouvido—disse ele com voz firme, voltando-se para os que o rodeavam;—mas cumpre indagar d'onde procede o ruído que veio interromper o mui devoto padre prior no exercício de seu ministério tremendo. Soou esse medonho estampido da banda do claustro: vamos examinar o que seja: se diabólico, estamos na casa de Deus, e a cruz é nosso amparo: se natural, que haverá no mundo capaz de por espanto em cavaleiros portugueses?"

Dizendo isto, el-rei desceu do estrado, e encaminhou-se para a sacristia. Os cavaleiros da comitiva, os frades, os três reis magos (que ainda estavam em pé sobre o tablado) e uma grande parte do povo tomaram o mesmo caminho.

El-rei ia adiante, e o prior era o que mais de perto o seguia. Cruzaram o arco gótico, que dava comunicação para a sacristia: aí tudo estava em silêncio: uma lâmpada que pendia do teto dava uma luz frouxa e mortiça, e a esta luz incerta e baça encaminharam-se para a porta do capítulo. Ao chegar a ela todos recuaram de espanto, e um segundo grito soou, e veio morrer sussurrando pelas naves da igreja quase deserta: "Jesus!"

As portas haviam estourado nos seus grossíssimos gonzos, e muito cimento solto e pedras quebradas tinham rolado pelo portal fora, entulhando-lhe quase um terço da altura. Olhando para o interior daquela imensa quadra não se viam senão enormes fragmentos de cantos lavrados, de lacarias, de cornijas, de voltas e de relevos: a lua, que passava tranquila nos céus, refletia o seu clarão pálido sobre este montão de ruínas semelhantes aos monumentos irregulares de um cemitério cristão; e por cima daquele temeroso silêncio passava o frio leste da noite, e vinha bater nas faces turbadas dos que apinhados na sacristia contemplavam este lastimoso espetáculo. Dos olhos d'el-rei e de Frei Lourenço caíram algumas lágrimas, que eles de balde tentavam reprimir. A abóbada do capítulo, acabada havia vinte e quatro horas, tinha desabado em terra!

CAPÍTULO IV: Um Rei Cavaleiro

Em uma quadra das que serviam de aposentos reais no mosteiro da Batalha, a roda de um bufete de carvalho de lavor antigo, cujos pés, torneados em linha espiral, eram travados por uma espécie de escabelo, que pelos topos se embebia neles, estavam assentadas várias personagens daquelas com quem o leitor já tratou nos antecedentes capítulos. Eram estas D. João I, Frei Lourenço Lampreia, e o procurador Frei Joanne. El-rei estava à cabeceira da mesa, e no topo fronteiro o prior,

tendo à sua esquerda Frei Joanne. Além destes, outros indivíduos aí estavam, que as pessoas lidas nas crónicas deste reino também conhecerão: tais eram os doutores João das Regras e Martim d'Ocem do conselho d'el-rei, cavaleiros mui graves e autorizados, e afora eles mais alguns fidalgos, que D. João I particularmente estimava. Atrás da cadeira d'el-rei um pajem esperava, em pé, as ordens de seu real senhor. O quadrante do terrado contíguo apontava meio-dia.

Em cima do bufete estava estendido um grande rolo de pergaminho, no qual todos os olhos dos circunstantes se fitavam: era a traça ou desenho do mosteiro, que delineara mestre Afonso Domingues, onde, além dos prospetos gerais do edifício, iluminados primorosamente, se viam todos os cortes e alçados de cada uma das partes dessa complicada e maravilhosa fábrica. El-rei tinha a mão estendida, e os dedos sobre o risco da casa capitular, ao passo que falava com o prior:

"Parece impossível isso; porque natural desejo é de todos os homens alcançarem repouso e pão na velhice, e não vejo razão para mestre Afonso se doer da mercê que lhe fiz."

"Pois a conversação que vos relatei, tive-a com ele ainda ontem, pouco antes de vossa mercê chegar."

"E como vai David Ouguet?—perguntou el-rei.

"Com grande melhoria:—respondeu o prior.—Dormiu bom espaço, e acordou em seu juízo. Contou-me que, entrando ontem após nós na casa do capítulo, e afirmando a vista na

abóbada, conhecera que tinha gemido, e estava a ponto de desabar; que sentira apertar-se-lhe o coração, e que com a sua aflição corraera pela crasta fora como doido; que no céu se lhe afigurava um relampaguear incessante e medonho; que via... nem ele sabe o que via, o pobre homem. Depois disso, diz que perdera o tino, e de nada mais se recorda."

"Nem dos exorcismos?—perguntou em meia voz Martim d'Ocem, com um sorriso malicioso.

"Nem dos exorcismos:—retrucou Frei Lourenço no mesmo tom, mas subindo-lhe ao rosto a vermelhidão da cólera.—A propósito, doutor. Dizem-me que Anequim é morto, e que el-rei proveu o cargo em um dos de seu conselho. Seria verdadeira esta mercê singular?"

E o frade media o letrado de alto a baixo com os olhos irritados. Este preparava-se para vibrar ao prior uma nova injúria indireta, naquele jogo de alusões que era as delícias do tempo, quando el-rei acenou ao pajem, dizendo-lhe:

"Álvaro Vaz d'Almada, ide depressa à morada d'Afonso Domingues, dizei-lhe que eu quero falar-lhe, e guiai-o para aqui. Fazei isso com tento; e lembrai-vos de que ele é um antigo cavaleiro, que militou com vosso mui esforçado pai."

O pajem saiu a cumprir o mandado d'el-rei.

"Dizeis vós—prosseguiu este, dirigindo-se a João das Regras e a Martim d'Ocem—que talvez Afonso Domingues se enganasse em supor que era possível fazer uma abóbada tão pouco erguida, como é a que ele traçou para o capítulo. não

creio eu que tão entendido arquiteto assim se enganasse: mais inclinado estou a persuadir-me de que o lastimoso sucesso de ontem à noite procedesse da grave falta cometida por mestre Ouguet nesta edificação."

"E que falta foi essa, se a vossa mercê apraz dizer-m'o?—replicou João das Regras.

"A de não seguir de todo ponto o desenho de mestre Afonso:—tornou el-rei.

"E se a execução de sua traça fosse impossível?—acudiu o doutor.

"Impossível!?"—atalhou el-rei.—"E não contava ele com levá-la a efeito, se Deus o não tolhesse dos olhos?"

"E é disso que mais se dói mestre Afonso,"—interrompeu o prior.—"A sua grande canseira é que ninguém saberá continuar a edificação do mosteiro, ou, como ele diz, prosseguir a escritura do seu livro de pedra, porque ninguém é capaz de entender o pensamento que o dirigiu na conceção dele."

"Roncarias e feros são esses próprios de quem foi homem d'armas de Nun'Álvares:—disse o chanceler João das Regras.—Todos os de sua bandeira são como ele. Porque sabem jogar boas lançadas, têm-se em conta de príncipes dos discretos; e o cego não se esqueceu ainda de que comeu da caldeira do condestável."

João das Regras, émulo de Nun'Álvares, não perdeu este ensejo de lhe pôr pecha; mas D. João I que conhecia serem

esses dois homens as pedras angulares de seu trono, escutava-os sempre com respeito, salvo quando falavam um do outro; posto que o condestável, homem mais de obras que de palavras, raras vezes menoscabava os méritos do chanceler, contentando-se com lançar na balança, em que João das Regras mostrava o grande peso da sua pena, o montante com que ele Nun'Álvares tinha em cem combates salvado a pátria do domínio estranho, e a cabeça do chanceler das mãos do carrasco, de que não o livrariam nem os graus de doutor de Bolonha, nem os textos das leis romanas.

"Deixai lá o condestável, que não vem ao intento;—disse el-rei:—o que me importa é ouvir mestre Afonso sobre este caso. Quisera antes perder um recontro com castelhanos, do que cuidar que o capítulo de Santa Maria da Vitória ficara em ruínas. Mestre Ouguet com sua arte deixou-lhe vir ao chão a abóbada: se Afonso Domingues for capaz de a tornar a erguer, e deixá-la firme, concluirei d'aí que vale mais o cego que o limpo de vista; e digo-vos que o restituirei ao antigo cargo, ainda que esteja, além de cego, copo e mouco."

Neste momento entrava o velho arquiteto, agarrado ao braço de Álvaro Vaz d'Almada, que o veio guiando para o topo da desmesurada banca de carvalho, à roda da qual se travara o diálogo, que acima transcrevemos.

"Dom donzel, onde é que esta el-rei?"—dizia Afonso Domingues ao pajem, caminhando com passos incertos ao longo do vasto aposento.

D. João I, que ouvira a pergunta, respondeu em vez do pajem: "Agora nenhum rei está aqui, mas sim o Mestre d'Avis, o vosso antigo capitão, nobre cavaleiro de Aljubarrota."

"Beijo-vos as mãos, senhor rei, por vos lembrardes ainda de um velho homem de armas, que para nada presta hoje. Vede o que de mim mandais; porque de vossa ordem aqui me trouxe este bom donzel."

"Queria ver-vos e falar-vos; que de coração vos estimo, honrado e sabedor arquiteto do mosteiro de Santa Maria."

"Arquiteto do mosteiro de Santa Maria, já o não sou; vossa mercê me tirou esse encargo: sabedor, nunca o fui, pelo menos muitos assim o creem, e alguns o dizem: dos títulos que me dais só me cabe hoje o de honrado; que esse, mercê de Deus, e meu, e fora infâmia roubá-lo a quem já não pode pegar em um montante para defendê-lo."

"Sei, meu bom cavaleiro, que estais mui torvado comigo por dar a outrem o cargo de mestre das obras do mosteiro: n'isso cria eu fazer-vos assinalada mercê. Mas venhamos ao ponto: sabeis que a abóbada do capítulo desabou ontem a noite?"

"Sabia-o, senhor, antes do caso suceder."

"Como é isso possível?!"

"Porque todos os dias perguntava a alguns desses poucos obreiros portugueses que aí restam, como ia a feitura da casa capitular: no desenho dela pusera eu todo o cabedal de meu fraco engenho, e este aposento era a obra-prima de minha imaginação: por eles soube que a traça primitiva fora alterada,

e que a juntura das pedras era feita por modo diverso do que eu tinha apontado: profetizei-lhes então o que havia de acontecer. E—acrescentou o velho com um sorriso amargo— muito fez já o meu sucessor em por tal arte lhe por o remate, que não desabasse antes das vinte e quatro horas."

"E tínheis vós por certo que se vossa traça se houvera seguido, essa desmesurada abóbada não viria a terra?"

"Se estes olhos não tivessem feito com que eu fosse posto de banda como uma carta de testamento antiga, que se atira, por inútil, para o fundo de uma arca, a pedra do fecho dessa abóbada não teria de vir esmigalhar-se no pavimento antes de sobre ela pesarem muitos séculos; mas os de vosso conselho julgaram que um cego para nada podia prestar."

"Pois se ousais levar a cabo vosso desenho, eu ordeno que o façais, e desde já vos nomeio de novo mestre das obras do mosteiro, e David Ouguet vos obedecerá."

"Senhor rei—disse o cego, erguendo a fronte, que até ali tivera curvada:—vós tendes um cetro e uma espada; tendes cavaleiros e besteiros; tendes ouro e poder: Portugal é vosso, e tudo quanto ele contém, salvo a liberdade de vossos vassallos: nesta nada mandais. Não!... vos digo eu: não serei quem torne a erguer essa derrocada abóbada! Os vossos conselheiros julgaram-me incapaz d'isso: agora eles que a alevantem."

As faces de D. João I tingiram-se do rubor do despeito.

"Lembraí-vos, cavaleiro,—disse ele—de que falais com D. João I."

"Cuja coroa—acudiu o cego—lhe foi posta na cabeça por lanças, entre as quais reluzia o ferro da que eu brandia. D. João I e assaz nobre e generoso, para não se esquecer de que nessas lanças estava escrito:—os vassalos portugueses são livres."

"Mas—tornou el-rei—os vassalos que desobedecem aos mandados daquele em cuja casa têm acostamento, podem ser privados de sua moradia..."

"Se dizeis isso pela tença que me destes, tirai-ma; que não vo-la pedi eu. não morrerei de fome; que um velho soldado de Aljubarrota achará sempre quem lhe esmole uma mealha; e quando haja de morrer à míngua de todo humano socorro, bem pouco importa isso a quem vê arrancarem-lhe, nas bordas da sepultura, aquilo por que trabalhou toda a vida, um nome honrado e glorioso."

Dizendo isto, o velho levou a manga do gibão aos olhos baços, e embebeu nela uma lagrima mal sustida. El-rei sentiu a piedade coar-lhe no coração comprimido de despeito, e dilatar-lho suavemente.

Uma das dores d'alma, que em vez de a lacerar a consolam, é sem dúvida a compaixão.

"Vamos, bom cavaleiro,—disse el-rei pondo-se em pé—não haja entre nós doestos. O arquiteto do mosteiro de Santa Maria vale bem o seu fundador! Houve um dia em que nós

ambos fomos pelejadores: eu tornei célebre o meu nome, a consciência mo diz, entre os príncipes do mundo, porque segui avante por campos de batalha; ela vos dirá também que a vossa fama será perpétua, havendo trocado a espada pela pena, com que traçastes o desenho do grande monumento da independência e da glória desta terra. Rei dos homens do aceso imaginar, não desprezeis o rei dos melhores cavaleiros, os cavaleiros portugueses! Também vós fostes um deles; e negar-vos-eis a prosseguir na edificação desta memória, desta tradição de mármore, que há de recordar aos vindouros a história de nossos feitos? Mestre Afonso Domingues, escutai os ossos de tantos valentes, que vos acusam de trairdes a boa e antiga amizade: vem de todos os vales e montanhas de Portugal o sonido desse queixume de mortos; porque, nas contendias da liberdade, por toda a parte se verteu sangue e foram semeados cadáveres de cavaleiros! Eia, pois: se não perdoais a D. João I uma suposta afronta, perdoai-a ao Mestre d'Avis, ao vosso antigo capitão, que em nome da gente portuguesa vos cita para o tribunal da posteridade, se recusais consagrar outra vez à pátria vosso maravilhoso engenho, e que vos abraça como antigo irmão nos combates, porque certo crê que não quereis perder na vossa velhice o nome de bom e honrado português."

El-rei parecia grandemente comovido, e talvez involuntariamente, lançou um braço ao redor do pescoço do cego, que soluçava e tremia sem soltar uma só palavra.

Houve uma longa pausa: todos se tinham posto em pé quando el-rei se erguera, e esperavam ansiosos o que diria o velho. Finalmente este rompeu o silêncio:

"Vencestes, senhor rei, vencestes!... A abóbada da casa capitular não ficará por terra. Ó meu mosteiro da Batalha, sonho querido de quinze anos de vida entregues a cogitações, a mais formosa das tuas imagens será realizada, será duradoura como a pedra em que vou estampá-la! Senhor rei, as nossas almas entendem-se: as únicas palavras harmoniosas e inteiramente suaves, que tenho ouvido há muitos anos, são as que vos saíram da boca: só D. João I compreende Afonso Domingues; porque só ele compreende a valia destas duas palavras formosíssimas, palavras de anjos—pátria e glória. A passada injúria a vossos conselheiros a atribuí sempre, que não a vós, posto que de vós, que éreis rei, me queixasse: varrê-la-ei da memória, como o entalhador varre as lascas e a pedra moída pelo cinzel de cima do vulto, que entalhou em fuste de coluna arrendada. Que me restitua os meus oficiais e obreiros portugueses; que português sou eu, portuguesa a minha obra! De hoje a quatro meses podeis voltar aqui, senhor rei, e ou eu morrerei, ou a casa capitular da Batalha estará firme, como é firme a minha crença na imortalidade e na glória."

El-rei apertou então entre os braços o bom do cego, que procurava ajoelhar a seus pés. Era a atração de duas almas

sublimes, que voavam uma para a outra. Por fim D. João I fez um sinal ao pajem, que se aproximou:

"Álvaro Vaz, acompanhai este nobre cavaleiro à sua pousada. E vós, mestre mui sabedor, ide repousar: dentro de quinze dias vossos antigos oficiais terão voltado de Guimarães para cumprirem o que mandardes. Mui devoto padre prior,— continuou el-rei, voltando-se para Frei Lourenço—entendei que d'ora avante Afonso Domingues, cavaleiro de minha casa, torna a ser mestre das obras do mosteiro de Santa Maria da Vitória, enquanto assim lhe aprouver."

O prior fez uma profunda reverência.

A alegria tinha tolhido a voz do arquiteto: diante de toda a corte el-rei o havia desafrontado, e já, sem desdouro, podia aceitar o encargo de que o tinham despojado. Com passos incertos, e seguro ao braço do pajem, saiu do aposento, feita vénia a el-rei.

Este deu imediatamente ordem para a partida; e quando todos iam saindo, o prior chegou-se ao velho chanceler, e disse-lhe em tom submisso:

"Doutor *Johannes a Regulis*, espero que narreis fielmente à rainha o que sucedeu, e a certifiqueis de quanto me custa ver tirada a régua magistral a mestre Ouguet..."

"Foi—tornou o político discípulo de Bártolo—mais uma façanha de D. João I: começou por brigar com um louco, e acabou abraçando-o, por lhe ver derramar uma lágrima. Bem

trabalho por fazer do Mestre de Avis um rei; mas sai-me sempre cavaleiro andante. não lhe sucedera isto se, em vez de passar a mocidade em pelejas, a houvera passado a estudar em Bolonha. Tendo-lhe dito mil vezes que é preciso lisonjear os ingleses, porque carecemos deles: a tudo me responde com dizer que com Deus e o próprio montante tem em nada Castela: todavia a gente inglesa ufanava-se de ser David Ouguet o mestre desta edificação; e que importava que ela fosse mais ou menos primorosa a troco de contentarmos os que connosco estão ligados? Quanto a vós, reverendo prior, ficai descansado: tudo fia a rainha de vossa prudência, que é muita, posto que não vistes Bolonha. Vamos, reverendíssimo." A corte já tinha saído; e os dois velhos seguiram-na ao longo daquelas arcadas, conversando um com o outro em voz baixa.

CAPÍTULO V: O Voto Fatal

Rica de galas, a primavera tinha vestido os campos da Estremadura do viço de suas flores: a madressilva, a rosa agreste, o rosmaninho, e toda a casta de boninas teciam um tapete odorífero e imenso por charnecas, cômoros, e sapais, e pelo chão das matas e florestas, que agitavam as frentes sonolentas com a brisa de manhã puríssima, mostrando aos olhos um balouçar de verdura compassado com o das searas rasteiras, que mais longe, pelas veigas e outeiros, ondeavam suavemente. Eram sete de Maio da era de César de 1439, ou,

como os letrados diziam, do ano da redenção, 1401. Quatro meses certos se contavam nesse dia, depois daquele em que, numa das quadras do aposento real no mosteiro da Batalha, se passara a cena, que no antecedente capítulo narramos, e que extraímos do famoso manuscrito mencionado no capítulo II, com aquela pontualidade e verdade, com que o grande cronista F. Bernardo de Brito citava só documentos inegáveis e autores certíssimos, e com aquela imparcialidade e exação, com que o filósofo de Ferney referia e avaliava os factos em que podia interessar a religião cristã.

Assistiu o leitor à promessa que mestre Afonso Domingues fez a D. João I de que dentro de quatro meses lhe daria posto o remate na abóbada da casa capitular de Santa Maria da Vitória, e lembrado estará de como el-rei lhe prometera, também, mandar vir de Guimarães todos os oficiais portugueses, que, despedidos da Batalha por mestre Ouguet como menos habilidosos que os estrangeiros, haviam sido mandados para a obra, posto que grandiosa, menos importante de Santa Maria da Oliveira, hoje desportuguesada e caiada e dourada e mutilada pelo mais bárbaro abuso da riqueza e da ignorância clerical. A palavra do Mestre d'Avis não voltara atrás, não por ser palavra de rei, mas por ser palavra de cavaleiro português daqueles tempos, em que tão nobres afetos e instintos havia nos corações de nossos avós, que de bom grado lhes devemos perdoar a rudeza.

Tendo partido de Alcobaça para Guimarães, onde nesse ano se juntavam cortes, apenas aí chegara tinha mandado partir para Santa Maria da Vitória os oficiais e obreiros mais entendidos, que vieram apresentar-se a mestre Afonso.

Este, resolvido também a cumprir o prometido, metera mãos à obra. O capítulo foi desentulhado: aproveitaram-se as pedras da primeira edificação que era possível aproveitar, lavraram-se outras de novo, armaram-se os simples, e muito antes do dia aprazado o fecho ou remate da abóbada repousava no seu lugar.

Durante estes quatro meses os sucessos políticos tinham trazido D. João I a Santarém, onde se fizera prestes com bom numero de lanças, besteiros, e peões para ir juntar-se com o Condestável, e entrarem ambos por Castela, cuja guerra tinha recomeçado, por se haverem acabado as tréguas. Para esta entrada se aparelhara el-rei com uma lustrosa companhia de seus cavaleiros, e caminhando pela margem direita do Tejo, acampara junto a Tancos, onde se havia de construir uma ponte de barcas para passar o exército, e seguir avante até o Crato, que era o lugar aprazado com o Condestável, para juntos irem dar sobre Alcântara.

Em Val-de-Tancos estava assentado o arraial da hoste d'el-rei: os petintais, que tinham vindo de Lisboa, trabalhavam na ponte de barcas, que se deviam lançar sobre o Tejo; os besteiros limpavam suas bestas, e folgavam em lutas e jogos; os cavaleiros corriam pontas, atiravam ao alvo, monteavam,

ou matavam o tempo em banquetes e beberrias. Tinham chegado aquele sítio a cinco de Maio, e no seguinte dia el-rei partira aforradamente para a Batalha, porque não se esquecera de que os quatro meses que pedira Afonso Domingues para alevantar a abóbada, eram passados, e fora avisado por Frei Lourenço de que a obra estava acabada, mas que o arquiteto não quisera tirar os simples senão na presença d'el-rei.

Antes de partir de Lisboa, D. João mandara sair dos cárceres, em que jaziam, bom número de criminosos e de cativos castelhanos, que, com grande pasmo dos povos, e rodeados por uma grossa manga de besteiros, tomaram o caminho da Batalha, sem que ninguém aventasse o motivo d'isto.

Todavia ele era óbvio: el-rei pensou que, assim como a abóbada do capítulo desabara da primeira vez, passadas vinte quatro horas depois de desamparada, podia agora derrocar-se em cima dos obreiros no momento de lhe tirarem os prumos e traveses sobre que fora edificada. Solícito pela vida de seus vassallos; parente do povo por sua mãe, e crendo por isso que a morte de um popular também tinha seu transe de agonia, e que lágrimas de órfãos pobres eram tão amargas, ou porventura mais que as de infantes e senhores, não quis que se arriscassem senão vidas condenadas, ou pela guerra, ou pelos tribunais, e que naquela se tinham remido pela covardia, e nestes pela piedade ou antes esquecimento dos juizes. E se da primeira vez lhe não ocorrera esta ideia, fora porque

também na memória de obreiros portugueses não havia lembrança de ter desabado uma abóbada apenas construída. Seguido só por dois pajens, D. João I atravessou a vila de Ourém pelas horas mortas do quarto de modorra, e antes do meio-dia apeou-se à portaria do mosteiro.

Os oficiais, que trabalhavam em vários labores, pelos telheiros e casas ao redor do edifício, viram passar aquele cavaleiro e os dois pajens, mas não o conheceram: D. João I vinha coberto de todas as pecas, e ao galgar o ginete pelo outeiro abaixo, tinha descido a viseira.

"*Benedicite!*—dizia el-rei, batendo devagarinho à porta da cela de Frei Lourenço.

"*Pax vobis, domine!*—respondeu o prior que logo conheceu el-rei, e veio abrir a porta.

"Não vos incomodeis, reverendíssimo—disse D. João, entrando na cela, e sentando-se em um tamborete.—Deixai-me resfolegar um pouco, e dai-me uma vez de vinho."

"Não vos esperava tão de salto;—tornou Frei Lourenço: e abrindo um armário, tirou dele uma borracha e um canjirão de madeira, que encheu de vinho, e pegando com a esquerda em uma escudela de barro de Estremoz cheia de uma espécie de bolo feito de mel, ovos, e flor de farinha, apresentou a el-rei aquela colação.

"Excelente almoço:—dizia el-rei, descalçando o guante ferrado, e cravando a espaços os dedos dentro da escudela, de

onde tirava bocados do bolo, que ajudava com alentados beijos dados no canjirão.

Depois que cessou de comer, limpando a mão ao forro do tonelete, pôs-se em pé, em quanto Frei Lourenço guardava os despojos daquela batalha:

"Bofe—disse D. João, rindo—que não ando a meu talante, senão com o arnês às costas! Cada vez que o visto, parece-me que torno à mocidade, e que sou o Mestre d'Avis, ou antes o simples cavaleiro, que, confiado só em Deus, corria solto pelo mundo, montando edomas inteiras, e tendo sobre a consciência só os pecados de homem, e não os escrúpulos de rei."

"E então—atalhou o prior—o vosso confessor Frei Lourenço era um pobre frade, cujos únicos cuidados se encerravam em saber as horas do coro, e em ler as sagradas escrituras, porém que hoje tem de velar muitas noites, pensando no modo de não deixar afrouxar a disciplina e boa governança de tão alteroso mosteiro. Mas, segundo vosso recado, que ontem recebi, vindes para assistir ao tirar dos simples da mui famosa abóbada, o que mestre Domingues porfia em só fazer perante vós?"

"A isso vim, porém de espaço; que não será nestes cinco dias, que esteja pronta a ponte de barcas, que mandei lançar no Tejo para passar minha hoste. Durante eles, com vossos mui religiosos frades me aparelharei para a guerra, entesourando orações e recebendo absolvição de meus erros."

"Os príncipes pios—acudiu o prior com ar de compunção—são sempre ajudados de Deus, principalmente contra hereges e cismáticos, como os perros dos castelhanos, que a Virgem Maria da Vitória confunda nos infernos."

"Ámen!—respondeu devotamente el-rei.

"Avisarei, pois, mestre Afonso de vossa vinda, para que mande por tudo em ordenança de se tirarem os simples: ele me pediu que o mandasse chamar apenas fosseis chegado."

Frei Lourenço saiu, e daí a pouco voltou acompanhado do arquiteto, que um rapaz guiava pela mão.

"Guardede-vos Deus, mestre Afonso Domingues!—disse el-rei, vendo entrar o cego—Aqui me tendes para ver acabada a feitura da mirífica abóbada do capítulo de Santa Maria, cujos simples não quisestes tirar senão em minha presença."

"Beijo-vos-las, senhor rei, pela mercê: dois votos fiz se levasse a cabo esta feitura; era esse um deles..."

"E o outro?—atalhou el-rei.

"O outro, dir-vos-lo-ei em breve; mas por ora permiti que para mim o guarde."

"São negócios de consciência:—acudiu o prior.—El-rei não quer, por certo, fazer-vos quebrar vosso segredo."

D. João I fez um sinal de assentimento ao parecer do seu antigo padre espiritual.

El-rei, o prior, e o arquiteto ainda se demoraram um pedaço falando acerca da obra, e do que cumpria fazer no prosseguimento dela; mas o cego dissera o que quer que fora

em voz baixa ao rapaz que o acompanhava, o qual saíra imediatamente, e que só voltou quando os três acabavam a conversação.

"Fernão d'Évora—disse o cego, sentindo-o outra vez ao pé de si—fizeste o que te ordenei, e deste a teu tio Martim Vasques o meu recado?"

"Senhor, si! Envia-vos ele a dizer que tudo está prestes."

"Então vamos a ver se desta feita temos mais perdurável abóbada."

Isto dizia el-rei saindo da cela de Frei Lourenço, e seguindo ao longo do claustro. já a este tempo se tinha espalhado no mosteiro a nova da sua chegada, e os frades começavam de juntar-se para o cortejarem. Do mosteiro rompera a notícia, e se espalhara na povoação, aonde concorrera muita gente dos arredores, principalmente de Aljubarrota, por ser dia de mercado: de modo que quando el-rei desceu o claustro já ali se achavam apinhados homens e mulheres, que queriam vê-lo, e ainda mais saber se desta vez a abóbada vinha ao chão, para terem que contar aos vizinhos e vizinhas da sua terra.

As portas da casa do capítulo estavam abertas: via-se dentro dela tal máquina de prumos, traveses, andaimes, cabrestantes, escadas, que bem se poderá comparar a composição daqueles simples a fábrica do mais delicado relógio. À porta, que dava para a crasta, estava um homem em pé, que se desbarretou apenas viu el-rei, a cuja direita vinha o arquiteto, seguido por Frei Lourenço e por outros frades.

O pequeno Fernão d'Évora disse algumas palavras a Afonso Domingues, o qual lhe respondeu em voz baixa. Então o rapaz acenou ao homem desbarretado, que se chegou timidamente ao cego. Era um mancebo, que mostrava ter de idade, ao mais, vinte cinco anos; de rosto comprido, tez queimada, nariz aquilino, olhos pequenos e vivos. Chegando-se ao cego, este o tomou pela mão, e voltando-se para el-rei, disse:

"Aqui tendes, senhor, a Martim Vasques, o melhor oficial de pedraria que eu conheço; o homem que, com mais alguns anos de experiência, será capaz de continuar dignamente a série dos arquitetos portugueses."

"E debaixo de meu especial amparo estará Martim Vasques— respondeu el-rei—que por honrado me tenho com haver em meus senhorios homens que vos imitem."

Ainda bem não eram acabadas estas palavras, sentiu-se um sussurro entre o povo, que girava livremente pela crasta, e que se enfileirou aos lados: chegava a gente que devia tirar os simples.

Entre duas alas de besteiros vinha um bom número de homens, magros, pálidos, rotos e descalços: o porte de alguns era altivo, e em seus farrapos se divisava a razão d'isso: eram besteiros castelhanos, que em diversos recontros e pelejas tinham caído nas mãos dos portugueses. As guerras entre Portugal e Castela assemelhavam-se as guerras civis de hoje: para vencidos não havia nem caridade, nem justiça, nem humanidade: ser metido em ferros era então uma ventura

para o pobre prisioneiro; porque os mais deles morriam assassinados pelo povo desenfreado, em vingança dos maus tratos que em Castela padeciam os cativos portugueses. Com os castelhanos vinham d'envolta vários criminosos condenados à morte por suas malfeitorias.

"Misericórdia!—bradou toda aquela multidão, ao passar por el-rei: e caíram de brucos sobre as lájeas do pavimento.

"Convosco a tenho, mesquinha gente:—disse el-rei comovido—Se tirardes os simples, que vedes acolá, a abóbada não desabar sobre vós, soltos e livres sereis. Erguei-vos, e confiai na ciência do grande arquiteto que fez essa mirífica obra. Mandar-vos comprar vossa soltura a custo de tão leve risco, quase que é o mesmo que perdoar-vos."

Os presos ergueram-se; mas a tristeza lhes ficou embebida no coração, e espalhada nas faces: o terror fazia-lhes crer que já sentiam ranger e estalar as vigas dos simples, e que, as primeiras pancadas, as pedras desconformes da abóbada, desatando-se da imensa volta, os esmagariam, como o pé do quinteiro esmaga a lagarta enroscada na planta viçosa do horto.

Neste momento quatro forçosos obreiros chegaram à porta do capítulo, trazendo sobre uma paviola uma grande pedra quadrada. Martim Vasques, que já lá estava, gritou ao cego arquiteto:

"Mui sabedor mestre Afonso, que quereis se faça do canto, que para aqui mandastes trazer?"

"Assentai-o bem debaixo do fecho da abóbada, no meio desse claro, que deixam os prumos centrais dos simples."

Os obreiros fizeram o que o arquiteto mandara: este então voltou-se para el-rei, e disse:

"Senhor rei, é chegado o momento de vos declarar meu segundo voto. Pelo corpo e sangue do Redentor jurei que, sentado sobre a dura pedra, debaixo do fecho da abóbada, estaria sem comer nem beber durante três dias, desde o instante em que se tirassem os simples. De cumprir meu voto ninguém poderá mover-me. Se essa abóbada desabar, sepultar-me-á em suas ruínas: nem eu quisera encetar, depois de velho, uma vida desonrada e vergonhosa. Esta é a minha firme resolução."

Dizendo isto, o cego travou com força do braço de Fernão d'Évora, e encaminhou-se para a porta do capítulo.

"Esperai, esperai!—bradou el-rei.—Estais louco, dom cavaleiro? Quem, se vós morrerdes, continuará esta fábrica, tão formosa filha de vosso engenho?"

"Mestre Ouguet:—tornou o cego, parando.—Não sou tão vil que negue seu saber e habilidade: se a abóbada desabar segunda vez, ninguém no mundo é capaz de a fechar com uma só volta, e para a firmar sobre uma coluna erguida no centro, mestre Ouguet o fará. Quanto ao resto do edifício, fezei senhor rei que se prossiga meu desenho: é o que ora vos peço tão somente."

E o velho e o seu guia sumiram-se por entre as bastas vigas, que sustinham as traves dos simples: el-rei, Frei Lourenço, e os mais frades ficaram atónitos e calados.

"Que tão honrado mestre corra parelhas no risco com esses perros castelhanos coisa é que se não pode sofrer: mas o voto é voto, senão..."

Estas palavras partiam da boca duma gorda velha, cuja tez avermelhada dava indícios de compleição sanguínea e irritável, e que de mãos metidas nas algibeiras, na frente de uma das alas do povo presenciava o caso.

"Tendes razão, tia Brites d'Almeida; e por ser voto me calo eu:—acudiu el-rei, voltando-se para a velha.—Mas juro a Cristo, que estou espantado de só agora vos ver! Porque me não viestes falar?"

"Perdoe-me vossa mercê:—replicou a velha.—Eu vim trazer pão à feira, e aí soube da chegada de vossa real senhoria. Corri ... se eu correria para vos falar! Mas estas bocas abertas não me deixaram passar. Abrenúncio! Depois estive a olhar... Parecíeis-me carregado de semblante. Que é isso? Temos novas voltas com os excomungados castelhanos? Se assim é, tosquiai-mos outra vez por Aljubarrota, que a pá não se quebrou nos sete que mandei de presente ao diabo, e ainda lá está para o que der e vier."

Soltando estas palavras, a velha tirou as mãos das algibeiras, e cerrando os punhos, ergueu os braços ao ar, com os meneios

de quem já brandia a tremebunda e patriótica pá de forno, que hoje é glória e brasão da gótica vila de Aljubarrota.

"Podeis dormir descansada, tia Brites:—respondeu el-rei, sorrindo-se.—Bem sabeis que sou português e cavaleiro, e a gente de nossa terra é cortês: el-rei de Castela veio visitar-nos várias vezes: e agora eu ando na demanda de lhe pagar com usura suas visitas." "

Em quanto este diálogo se passava entre o herói de Aljubarrota e a sua poderosa aliada, Martim Vasques tinha posto tudo a ponto; e dando as suas ordens da porta, as primeiras pancadas de martelo, batendo nos simples, ressoaram pelo âmbito da casa capitular. Fez-se um grande silêncio e todos os olhos se cravaram em Martim Vasques.

Passada uma hora, aquele montão de vigas, barrotes, tábuas, cambotas, cabrestantes, réguas e travessas tinha passado pela crasta fora em colos de homens: os presos tinham sido postos em liberdade, com grande raiva da tia Brites ao ver ir soltos os besteiros castelhanos; e só no centro da ampla quadra se via uma pedra, sobre a qual, mudo e com a cabeça pendida para o peito, estava sentado um velho.

A este velho rogava el-rei, rogavam frades, rogava o povo, sem todavia se atreverem a entrar, que saísse dali; mas ele não lhes respondia nada. Desenganados, enfim, foram-se pouco a pouco retirando da crasta, onde ao pôr do sol começou a bater o luar de uma formosa noite de Maio.

Três dias se passaram assim. Mestre Afonso, sentado sobre a pedra fria, nem sequer cedera às rogativas de Ana Margarida, que, obrigada pela boa amizade que tinha a seu amo, se atrevera a cruzar os perigosos umbrais do capítulo, para ver se o movia a tomar alguma refeição: tudo recusou o cego: a sua resolução era inabalável. Também a abóbada estava firme, como se fora de bronze. No terceiro dia à tarde el-rei, que tinha passado o tempo em aparelhar-se para a guerra com atos de piedade, desceu a crasta acompanhado de Frei Lourenço e de outros frades, e chegando à porta do capítulo viu Martim Vasques e Ana Margarida junto à pedra fria de Afonso Domingues, e este pálido e com as pálpebras cerradas encostado nos braços deles. O mancebo e a velha choravam e soluçavam, sem dizerem palavra.

"Que temos de novo?—perguntou el-rei, chegando à porta, e vendo aqueles dois estafermos.—Completam-se ora os três dias do voto: ainda mestre Afonso teimará em estar aqui mais tempo?"

"Não senhor:—respondeu Martim Vasques, com palavras mal articuladas:—Não estará aqui mais tempo; porque seu corpo é herança da terra; sua alma repousa com Deus."

"Morto!?"—bradaram a uma voz el-rei e Frei Lourenço; e correram para o cadáver do arquiteto, olhando, todavia, primeiro para a abóbada com um gesto de receio.

"Nada temais, senhores:—disse Martim Vasques—As últimas palavras do mestre foram estas: a abóbada não caiu ... a abóbada não cairá!"

O arquiteto, já velho, não pôde resistir ao jejum absoluto a que se condenara. No momento em que, ajudado por Martim Vasques e Ana Margarida, se quis erguer caiu moribundo nos braços deles, e aquele génio de luz mergulhou-se nas trevas do passado.

El-rei derramou algumas lágrimas sobre os restos do bom cavaleiro, e Frei Lourenço rezou em voz baixa uma oração fervente pela alma generosa, que até ao ultimo arranco escrevera sobre o mármore o hino dos valentes de Aljubarrota.

Na pedra, sobre a qual Mestre Afonso expirara, ordenou el-rei se tirasse, parecido quanto fosse possível retratando-se um cadáver, o vulto do honrado arquiteto, e que esta imagem fosse colocada em um dos ângulos da casa capitular, onde durante mais de quatro séculos, como as esfinges monumentais do Egipto, tem dado origem às mais desvairadas hipóteses e conjeturas. À pobre Ana Margarida, que ficava sem arrimo, doou D. João I, também, as casas em que o mestre morava, fazendo-lhe, além disso, assinaladas mercês.

Mestre Ouguet, pelo que o cego dissera a el-rei acerca da sua capacidade para o substituir, e porque, enfim, era estrangeiro, foi logo restituído ao cargo que ocupara, e quando nos serões do mosteiro alguém falava nos méritos de Afonso Domingues

e na sua desastrada morte, cortava o irlandês a conversação, dizendo com um riso amarelo:

"Olhem que foi forte perda!"